

ENUNCIADOS OPINATIVOS E O TOM CRÍTICO EM CADA OLHAR

Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar
Miriam Bauab Puzzo

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar sugestões de análise das linguagens midiáticas como subsídio para o profissional de educação do Ensino Médio, a fim de orientar os aprendizes a olharem de maneira crítica os diversos discursos inseridos na esfera jornalística. Com apoio nos conceitos sobre gêneros discursivos expressos na *Estética da Criação Verbal* e em outros textos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo foi possível observar as relações dialógicas entre os enunciados editorial e charge, o leitor presumido e o contexto sócio-histórico. Foram empregadas, também, concepções teóricas direcionadas à análise da linguagem verbovisual baseada em Dondis (2007). Para tal estudo foi examinada a materialidade de cada enunciado, selecionados do jornal *Folha de São Paulo*, de 18/03/2011, cujo assunto, a visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil, conduziu a temas diversos sobre a relação Brasil e EUA. Por meio do cruzamento dos sentidos de diferentes pontos de vista procura-se observar a sintonia ou a assimetria entre os dois enunciados, pelo tom avaliativo adotado em cada um deles. Também, observa-se como respondem ao leitor pressuposto do jornal e ao contexto imediato. Espera-se que esse estudo desenvolvido sob a perspectiva dialógica da linguagem, venha a acrescentar ao profissional de educação sugestões de análise das diversas linguagens midiáticas, a fim de auxiliar os aprendizes quanto ao julgamento crítico das opiniões apresentadas pela mídia impressa.

Palavras-chave: relações dialógicas; linguagem verbovisual; mídia impressa.

1. Introdução

A utilização da teoria bakhtiniana para a análise de textos midiáticos contribui de maneira progressiva e fecunda para a compreensão do signo ideológico de natureza neutra e em que se baseiam todos os demais signos, que é a palavra. São as palavras do locutor refletindo as posições valorativas das enunciações sócio-históricas anteriores, com o acréscimo de outras, posteriores, que possivelmente poderão responder a essa demanda, com reflexos individuais, isto é, com o estilo de cada participante. Assim, todo esse processo, cujos movimentos simétricos permitem a configuração de uma determinada esfera social, pode transformar a situação a qual permitiu a origem do enunciado concreto. Esta é uma direção para o desenvolvimento social e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento do indivíduo. Esses enunciados, para Bakhtin (2003, p. 261) “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”.

A análise de gêneros da mídia impressa, como subsídio para os profissionais de educação no letramento da língua materna, transforma-se num ponto de referência concreto, podendo ser observadas as posições axiológicas e valorativas de seus interlocutores, possibilitando um exame atento das posturas ideológicas de cada campo de ação, em cada momento histórico e, de certa forma, uma familiaridade com os

gêneros discursivos para fins de interação responsável. É imprescindível, porém, que o educando mantenha uma aproximação com a vida do mundo por meio de enunciados midiáticos, cujos esclarecimentos apoiados na relação com outros conhecimentos o auxiliem quanto ao julgamento crítico das diversas opiniões e dessa forma venham a definir a escola como um elo na cadeia da vida real do aluno.

Dessa forma, a proximidade com os acontecimentos do mundo e os possíveis reflexos consequentes na vida humana, refratados nos enunciados da mídia impressa, colaborará para que a escola na sua posição de norteadora seja um elemento essencial no aprimoramento do educando como ser participativo do desenvolvimento social, de maneira competente.

Umberto Eco, em sua conferência (1996), “From Internet To Gutenberg”, mostra-nos que a habilidade de compreensão de textos verbais nos torna aptos a sermos críticos e ficarmos atentos à persuasão dos textos não verbais, cujas imagens transformam ideias individuais em gerais. Tal estudioso nos orienta que é preciso uma nova forma de competência crítica, um novo treinamento educacional.

Assim, corroborando com o linguista italiano, este trabalho visa a apresentar uma análise de acordo com a teoria da linguagem do Círculo de Bakhtin, entre editorial e charge, selecionados do jornal *Folha de S. Paulo*, de 18/03/2011, colaborando com a leitura crítica no Ensino Médio, permitindo a integração ativa e respondente de leitores no contexto social.

2. Fundamentação teórica

Desde os remotos tempos, a linguagem é observada e analisada, surgindo diversas tendências para os estudos linguísticos. Todas essas correntes não haviam ainda se fixado à linguagem pela vertente social. Foram as ideias de Ferdinand de Saussure, linguista genebrino nas suas célebres dicotomias: língua e fala, diacronia e sincronia, significante e significado, relação associativa e sintagmática, identidade e oposição, expostas durante os três cursos que ministrou sob o título de *Curso de Linguística Geral*, em 1906, 1908 e 1910, que possibilitaram a divulgação de que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1999, p. 16)

Apesar de a pesquisa linguística estar limitada às observações da língua numa perspectiva científica, rejeitando as manifestações individuais, Saussure abriu um vasto campo para o estudo sobre a linguagem que, até então, era colocada como algo secundário e independente da comunicação, chamado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin de objetivismo abstrato, por volta de 1924. O papel do ouvinte era passivo, e a linguagem era subestimada na sua função comunicativa, foco de estudo da linguagem do Círculo de Bakhtin, em que o outro, o ouvinte, tem participação ativa na interação comunicativa.

A enunciação proposta pelo Círculo, de natureza social, não pode, de forma alguma, ser considerado exclusivamente individual e nem pode ser explicada a partir das condições psicofisiológicas do sujeito participante do diálogo. A palavra expressa, de um lado, a interioridade, os valores do sujeito; de outro, está voltada para o contexto social. Isso requer a compreensão dos interlocutores aos sentidos que abrangem o evento da comunicação com o dado acontecimento na história do indivíduo, numa expectativa dialógica. Bakhtin e seu Círculo nos fornecem os conhecimentos necessários para a realização da análise dessa inter-relação.

Bakhtin/Volochínov, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* tratam da importância do sujeito ativo, responsável pelo seu discurso, à espera de atitudes responsivas em seu interlocutor, cuja visão de valores pertinentes ao seu tempo histórico dialogiza com o seu mundo interior, numa adaptação ao mundo exterior, construindo suas apreciações numa tomada de posição expressa em sua enunciação.

Nas várias formas de enunciação no momento da comunicação, delas faz parte toda a vivência histórica que perpassa pelo ser durante a interação e, também, as possibilidades futuras, sugerindo os tipos e vínculos composicionais que determinam, em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação, os gêneros do discurso.

A análise dessas diferenças pode definir a natureza dos enunciados e a relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia. Para tal estudo, o filósofo russo definiu certas particularidades constitutivas do enunciado (BAKHTIN, 2003): alternância dos sujeitos do discurso; conclusibilidade específica do enunciado; relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação discursiva. Outro traço constitutivo do enunciado é a entonação expressiva, que segundo Bakhtin (2003, p. 290) é “um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala”.

Atentando para a palavra na sua forma apenas, como estudada pela linguística tradicional, e a palavra expressada com o objetivo da interação comunicativa, valorativa, como o Círculo propõe, Bakhtin (2003) afirma que é na enunciação que as palavras ganham sentido, pois é por meio delas que nos comunicamos dentro de determinado contexto, “numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 2009, p.111).

Na enunciação é expresso o signo ideológico do grupo de indivíduos, o seu tema, “que se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN, 2009, p. 133). No tema leva-se em conta o enunciado concreto com seus elementos linguísticos/enunciativos representados pela palavra, pelas escolhas sintáticas e fonéticas, pela entonação etc. Além disso, temos os elementos que fazem parte da situação extraverbal que é a identidade dos interlocutores, a finalidade da enunciação, o momento histórico, a ideologia, os discursos que circulam nas enunciações, nos enunciados concretos.

Como resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa determinados pelo tema, construído no contexto histórico e, conseqüentemente, pela mobilidade da significação dos elementos, encontra-se o signo ideológico. “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo.” (BAKHTIN, 2009, p. 31). Sendo a palavra um fenômeno ideológico por excelência, toda a sua realidade é absorvida por sua função de signo, podendo preencher qualquer espécie de função ideológica. A palavra é, pois, o material privilegiado na comunicação social.

Segundo a teoria bakhtiniana, é a situação de produção que vai permitir a promoção de todos os sentidos próprios e específicos para o acontecimento histórico que é a enunciação individual. Seguindo os preceitos de Bakhtin (2003, p. 21), “nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”. Para ser indivíduo, porém, necessita da presença do outro, que lhe fornece as condições para se concretizar como ser humano. Essa condição existencial no outro se deve ao fato de que cada um é singular e por serem assim movem-se em diferentes direções cerceadas pela valoração da visão de mundo. Surgem, assim, inúmeras formas, relativamente estáveis, por serem infinitas também, as possibilidades a acontecerem com o uso da linguagem, “nos diversos

campos da atividade humana. [...] os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 261-262, grifo do autor).

Desde Platão e Aristóteles os gêneros se manifestavam por meio da classificação das espécies e orientam até hoje a ordem dos gêneros. Partindo do conceito aristotélico, Bakhtin procura ampliá-lo em função das novas formas de comunicação exigidas por uma sociedade que evoluiu do ponto de vista econômico e tecnológico. Assim, fez-se necessária uma inovação dos critérios de classificação dos gêneros, o que Bakhtin considerou o dialogismo do processo comunicativo, em que utilizou a pluralidade das práticas da prosa representada nos romances - objeto primeiro de seu estudo.

Com o objetivo de superar as dificuldades na classificação dos gêneros discursivos, tal a sua heterogeneidade, Bakhtin os separa em primários e secundários. Os primeiros são os mais simples; formam-se nas condições de comunicação discursiva imediata, por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano. Os secundários são mais complexos, pois surgem nas condições de uma relação mais desenvolvida e organizada como o romance, o drama, os diversos tipos de pesquisas científicas. “No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2003, p. 263), utilizando um e outro para atingir a eficácia da interação. O estudo das peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso são grandes aliados para a investigação da historicidade, circunscrita em toda interação comunicativa. A análise dessas diferenças pode definir a natureza dos enunciados e a relação entre linguagem e ideologia, dos quais, entre outros aspectos, decorre o estilo do enunciado concreto.

A concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo, sendo, portanto, a expressão da relação discursiva típica do gênero e da expressão pessoal, mas não exclusivamente subjetiva. A situação e os participantes mais imediatos determinam o estilo que é a atitude responsiva ativa do sujeito a qualquer enfrentamento dialógico, preceito que fundamenta um enunciado.

Uma das peculiaridades marcantes no estilo é o tom. Por mais superficial que seja um enunciado, ele responde a dizeres de um outro objeto, de um outro fato, de uma outra época e dessa forma inclui os sentidos que foram, são e serão refratados - pois o indivíduo é histórico - fazendo-se refletir em seu enunciado concreto, permitindo uma resposta a uma série de outros enunciados anteriores e posteriores a ele, numa apreciação social, fator indissociável das relações dialógicas de qualquer enunciado.

A vida, segundo Bakhtin (2003, p. 348), “é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, [...]”. É na inter-relação com as palavras dos outros que se completa o sentido de um novo enunciado. O sentido é sempre dialógico, cuja configuração se encontra em todos os elementos que constituem qualquer enunciado: confiança, aceitação, aprendizado, fronteiras da concordância, combinação das vozes; isto é, sentido sobre sentido, num envolvimento de compreensão.

A separação dos conceitos de texto e de enunciado na visão bakhtiniana é de suma importância para o estudo das relações dialógicas. Um texto só é considerado enunciado, quando instiga uma resposta de um dos participantes do evento comunicativo. Tanto as relações entre textos como as relações no interior de um texto refletem e refratam as avaliações apreendidas no discurso de outrem. Para Bakhtin (2003, p. 320), “os sentidos estão divididos entre vozes diferentes”.

No limiar das fronteiras de um enunciado visando à experimentação da verdade, Bakhtin observou a carnavalização como um elemento contribuinte para o estudo das

relações dialógicas. É na simultaneidade de contrários - a ambivalência organizadora das partes que constituem as imagens - possibilitando o destronamento, que se consolida a verossimilhança interna na criação do herói carnavalizado, a qual criação responde à voz do leitor. É na coexistência dos tempos, que caracteriza o tempo do limiar – elemento constitutivo da carnavalização -, destruindo a previsibilidade, consolidando-se o inacabamento, também constitutivo da carnavalização bakhtiniana. Para a compreensão das vozes inseridas na obra construída, autor e leitor precisam estar em conformidade, a fim de perceberem a abrangência do todo intencional veiculado.

Para Bakhtin, “a carnavalização permite ampliar o cenário estreito da vida privada de uma época limitada, fazendo-o atingir um *cenário dos mistérios* extremamente universal e universalmente humano” (BAKHTIN, 2010, p. 205, grifo do autor), transformando-se em valioso meio de interpretação artística da vida, por meio de uma linguagem simbólica de grande profundidade.

Dessa forma, abarcando as variadas possibilidades geradas no decorrer da história do indivíduo, a teoria dialógica bakhtiniana permite-nos observar e analisar os fios do processo construtivo de enunciados verbosuais da mídia impressa, como editorial e charge, relacionando-os ao contexto sócio-político-cultural.

3. Relações dialógicas entre editorial e charge

Editorial, de acordo com Melo (2003, p. 103), “é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”, cuja definição Lopes-Rossi (2010) complementa, dizendo que, geralmente, são abordados nas primeiras reportagens daquela edição, aparecendo na segunda ou na terceira página do primeiro caderno, podendo haver dois ou três editoriais em grandes jornais. É um gênero que se organiza, geralmente, na forma clássica do tipo textual argumentativo, cuja estrutura típica é: título; apresentação do tema; apresentação dos argumentos que comprovem a tese; apresentação de contra-argumentos (opcionalmente); conclusão. Mesmo sendo facilitadora para a compreensão, a aplicação dessa estrutura não deve ser rigorosa.

De acordo com Carvalho e Puzzo (2003, p. 155) esse gênero discursivo “orienta o público mediante a opinião do próprio jornal sobre um assunto, enquanto os demais textos opinativos cumprem sua função apresentando a opinião do jornalista ou do colaborador”. A linguagem do editorial limita a liberdade de estilo em função do padrão da empresa.

A charge se diferencia dos outros textos do gênero opinativo por usar constantemente o humor e transmitindo muitas informações de forma condensada, contendo a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento. Pelos desenhos realizados exageradamente, caracterizando formas e traços particulares, a caricatura, presente na charge, manifesta humorística e até satiricamente pontos de vista sobre os acontecimentos do dia a dia, tornando-se um instrumento de grande valia para a persuasão do leitor, visto apresentar por meios de elementos gráficos o que a história oficial possa pretender esconder sobre certos políticos, certas situações.

O jornal *Folha de S. Paulo*, com o objetivo de enfatizar a opinião, utiliza a ilustração gráfica num diálogo entre os discursos. Essa condição de divulgação de opiniões acerca de um mesmo assunto permite ao leitor fazer uma correlação com o acontecimento real que deu origem ao enunciado verbal e os valores éticos refratados pelo artista no tempo e no espaço e transformados em figuras ilustrativas. Assim, são refletidas em cada enunciado as diferentes ideias de diferentes autores.

O editorial *Operação simpatia* e a charge, de 18 de março de 2011, são dois enunciados pertencentes a gêneros diferentes, pois, segundo Bakhtin (2003, p. 261)

“refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional”. Esses enunciados, mesmo realizados e publicados em um mesmo tempo histórico: véspera da visita do presidente americano ao Brasil; sobre o mesmo assunto: visita do presidente Barack Obama ao Brasil; atendendo a um determinado campo da comunicação, que no caso é a mídia impressa; e veiculados pelo mesmo órgão jornalístico, que é o jornal *Folha de S. Paulo*, possuem a capacidade de construir sentidos e de significar de maneiras diferentes, por seus estilos, seus elementos de composição e seus conteúdos temáticos serem construídos de formas diversas. Apesar dessas diferenças estabelecem relações de sentido, pois um responde ao outro, o que podemos observar abaixo.

Operação simpatia

Sem perspectiva de muitos ganhos concretos, viagem do presidente Barack Obama ao Brasil aponta para maior aproximação dos dois países.

Palco de manifestações históricas pela democracia, e até hoje local propício a quem queira avaliar o pulso e a temperatura da política brasileira, a Cinelândia deverá receber no domingo, a estrela política um tanto declinante, mas ainda carismática, de Barack Obama.

Não é fato corriqueiro, pensando na longa e dúbia história de fascínio e resistência do Brasil face à influência americana, que um presidente dos Estados Unidos venha pronunciar, em pleno centro do Rio de Janeiro, um discurso dirigido diretamente à população.

Em Berlim, durante a sua campanha, e no Cairo, em 2009, Obama fez discursos considerados históricos. Essas manifestações traziam diferença palpável frente a seu antecessor, George W. Bush, tanto no que toca à cooperação com organismos internacionais quanto nos temas candentes dos direitos humanos e das relações americanas com o mundo muçulmano. O discurso principal da viagem à América Latina, contudo, deve realizar-se no Chile.

Não há tanto a esperar, nem mesmo do ponto de vista retórico, da passagem de Obama em terras brasileiras. Parece improvável que o presidente reserve a ocasião para defender explicitamente o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU, como fez com relação à Índia em 2010.

Isso representaria um notável passo na expectativa, promovida pelo próprio Obama, de uma gestão mais equilibrada dos impasses internacionais. O fato é que a postulação não tem recebido, por parte dos EUA, mais que frases protocolares e pouco encorajadoras.

A visita de Obama possui, do ponto de vista político e diplomático, mais o aspecto de uma aproximação necessária do que o de uma passagem a patamares inéditos de parceria.

Contudo, diante dos frequentes deslizes diplomáticos da administração anterior no tema dos direitos humanos, que diversas declarações da sucessora Dilma Rousseff vêm corrigindo em boa hora, e da importância crescente do Brasil no cenário internacional, a visita de Obama torna-se propícia para superar o relativo descompasso que, não apenas no plano comercial, verificou-se entre os dois países até recentemente.

Discursos, cortesias, futebol e samba talvez componham, na verdade, parte mais substancial do que se pensa na agenda da visita. A operação simpatia não deve ser menosprezada: tem relevância clara no estágio atual das relações entre Brasil e EUA, e Barack Obama, em que pese uma imagem menos triunfante do que a de seus primeiros dias, possui talento suficiente para realizar a contento essa missão de relações públicas.

Texto 2: Editorial

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião



Figura 2: Charge

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião

O jornal *Folha de S. Paulo* orienta sua conduta por um projeto editorial que vem se desenvolvendo com o objetivo de produzir um jornalismo crítico, moderno e apartidário (MANUAL da Redação: *Folha de S. Paulo*). Porém, vários são os interesses embutidos no projeto editorial do jornal, motivo para que o leitor se posicione de maneira crítica às opiniões publicadas. É preciso estar atento a quem produz o enunciado, às suas posições e intenções, ao lugar que se produz para o apercebimento dos sentidos nas escolhas que a língua permite. Para que isso se torne uma realidade é necessário que o leitor tenha conhecimento das possíveis armadilhas linguísticas expostas no enunciado como o implícito, na forma de pressuposição, fazendo-se necessário para o seu reconhecimento, de acordo com Kock (2009) que o ouvinte tenha condições de reconhecer no enunciado a forma particular sob a qual a proposição vem expressa.

Podemos observar no enunciado em questão, que certas escolhas linguísticas refletem a posição em que o autor se coloca em relação ao contexto vigente, esperando uma refração por parte de seu destinatário. A palavra, de acordo com Bakhtin (2009, p. 42), “será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.

Podemos, assim, estabelecer algumas relações analisadas dialogicamente a respeito de cada tema, observadas nas representações linguísticas do editorial e nos elementos gráficos que compõem as figuras chárnicas, de acordo com suas especificidades. Para Bakhtin (2009), o tema expressa o acontecimento histórico que originou a enunciação, como um todo.

Quando os dois gêneros estão dispostos na página de opinião, que é onde se encontram o editorial e a charge do jornal *Folha de S. Paulo*, enfocando um assunto em comum, que no caso é a visita do presidente americano Barack Obama, para Melo (2003), há a requisição de uma atenção dos emissores a fim de manter com seu público leitor relações dialógicas, apreendendo seus modos de expressão existentes na linguagem e suas expectativas pelos temas apresentados. Para uma melhor interpretação/compreensão dos enunciados é preciso traçar um caminho que possa coincidir numa perspectiva convergente. Além disso, os sentidos dos enunciados propiciam uma atitude responsiva do leitor, uma resposta ação, tornando-se, o jornal, portanto, segundo Romualdo (2000), um mediador entre o público e os fatos, na construção de uma realidade reproduzida, observado no decorrer da análise das relações dialógicas entre o editorial e a charge.

3.1 A materialidade linguística

O tema do editorial *Operação simpatia* é o embate entre os dois governos, que procuram amenizar os confrontos da época do governo do presidente Lula, cujo fato motivador é a visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil.

A enunciação do editorial está baseada no ponto de vista do corpo da empresa sobre o universo político e econômico, realizado de maneira axiológica e acrescido pelo possível posicionamento do leitor. Este processo é concretizado por meio de escolhas linguísticas, refletindo a posição em que o autor se encontra em relação ao contexto vigente, como § 6 *A visita [...] mais um aspecto de uma aproximação necessária*, por acreditar em tal premissa.

Para o Círculo bakhtiniano, quando nos deparamos com a réplica, todos os nossos sentidos entram em ação para a preparação do sentido da enunciação, numa referência ao passado, ao presente ou/e às possíveis respostas que virão no futuro, de todas as direções, num diálogo contínuo. Com base nessa proposta, podemos, então, estabelecer uma ponte com o conceito de pressuposição de Ducrot (1987, p. 41), quando afirma que “a pressuposição é parte integrante do sentido do enunciado” e com as idéias de Bakhtin (2009, p. 42) quando diz que as palavras “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Seguindo as concepções de ambos os teóricos, podemos dizer que o enunciado opinativo, em questão, foi construído sobre as bases das intenções pretendidas de seu enunciador.

A pressuposição é apresentada como uma evidência, como um quadro incontestável no interior, ou seja, como um elemento do universo do discurso, que procura sempre situar-se em um passado do conhecimento (DUCROT, 1987), assertiva adequada por estarmos relacionando os efeitos de sentido a partir dos componentes linguísticos do editorial da *Folha de S. Paulo*. Nesse caso, podemos colocar como pressuposto básico que *a visita do presidente americano Barack Obama não deverá trazer ao Brasil grandes mudanças*, observado no:

Lead (logo após o título) - Sem perspectivas de ganhos *concretos*

§ 3 – O discurso principal, *contudo* deve realizar-se no Chile.

§ 4 - Parece *improvável* [...] defender

§ 5 - Isso *representaria* um notável passo [...] dos impasses internacionais

§ 5 - Frases *protocolares* e *pouco encorajadoras*

§ 6 - A visita [...] mais um aspecto de uma aproximação *necessária*

§ 7 – *Contudo* [...] a visita de Obama torna-se propícia

§ 8 - Discursos, cortesias, futebol e samba [...] parte mais *substancial*

Tal pressuposto foi sustentado em todo enunciado, aparecendo de forma contundente no último parágrafo: *Barack Obama [...] possui talento suficiente para realizar a contento essa missão de relações públicas*.

O leitor mais desavisado sobre o uso das palavras e menos conhecedor dos fatos pode ficar à mercê das escolhas linguísticas do enunciador, com as quais objetiva persuadi-lo. Observamos alguns dados realizados de maneira estratégica como adjetivos, pronomes demonstrativos, conjunção adversativa e o tempo verbal futuro do pretérito.

Os adjetivos em destaque: ganhos *concretos* (lead); *improvável* (defender) (§ 4); frases *protocolares* e *pouco encorajadoras* (§ 5); aproximação *necessária* (§ 6); parte mais *substancial* (§ 8); e talento *suficiente* (§ 8) exprimem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante, de acordo com a opinião do enunciador sobre o fato, numa avaliação subjetiva (NEVES, 2000). Se fizermos uma relação desses usos

com a enunciação, podemos dizer que estão diretamente ligados ao embate entre as duas nações, refletindo um descrédito ao governo americano em solucionar algumas questões pendentes com o Brasil, dadas as suas significações dentro do contexto.

Os pronomes demonstrativos referem-se mais diretamente ao ouvinte, acentuando sua inclusão na situação de discurso, indicando proximidade temporal (NEVES, 2000). O pronome destacado, em *Isso representaria* (§ 5), está empregado anaforicamente indicando um tom acentuado, dando ideia de exatidão ao que o presidente americano poderia fazer, projeto este, auxiliado pelo possível posicionamento do leitor. Em *essa missão de relações públicas* (§ 8), cujo pronome demonstrativo, empregado de forma disfórica, faz referência desairosa (NEVES, 2000) da visita, considera o possível objetivo da visita de Barack Obama na sua pequenez.

Em *representaria*, o tempo verbal futuro do pretérito, denota uma incerteza na ação que ainda vai se realizar (BECHARA, 2004), que é o improvável apoio de Barack Obama ao ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU.

A conjunção adversativa que apresenta a ideia básica de oposição tem em *contudo* no § 7, *Contudo, diante dos freqüentes deslizes diplomáticos [...] a visita de Obama torna-se propícia*, a expressão de retificação de posturas que talvez possa contribuir para uma aproximação maior entre as duas nações.

Observamos, também, na materialidade linguística, a relação interdiscursiva com várias notícias veiculadas em diferentes mídias. Abaixo relacionamos alguns dados noticiados.

✓ A personalidade marcante de Barack Obama em a *estrela política* (§ 1), *discursos considerados históricos* (§ 3), *imagem menos triunfante* (§ 8).

✓ A eloquência e habilidade oratória sempre presentes em seus discursos colocando-o em destaque¹, referidos no § 4: *Não há tanto a esperar, nem mesmo do ponto de vista retórico* e no § 5, *frases protocolares e pouco encorajadoras*. Podemos dizer que as qualidades de elocução que o acompanham em seus pronunciamentos pelo mundo, não são de esperar, visto poder ser sua presença no Brasil não uma visita com o propósito de agradar aos interesses brasileiros, mas apenas *para realizar essa missão de relações públicas* como exposto no § 8, e dessa forma sem grandes preocupações no preparo de seu discurso.

Assim, as palavras enunciadas no texto, dependendo do conhecimento de mundo do leitor, podem referir-se tanto à pessoa do presidente como à sua visão, à sua ideia; o que podemos reiterar com as palavras do Círculo de Bakhtin (2009, p.61), de que “toda expressão semiótica exterior, por exemplo, a enunciação, pode assumir duas orientações: ou em direção ao sujeito, ou, a partir dele, em direção à ideologia”.

✓ O ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU prejudicado pela votação contra as novas sanções ao Irã, no governo do presidente Lula em junho de 2010 em *improvável que o presidente [...] defender o ingresso do Brasil* (§ 4); *deslizes diplomáticos da administração anterior* (§ 7); *relativo descompasso que, não apenas no plano comercial* (§ 7). Para o governo americano, o Brasil cometeu um “pecado mortal” ao votar contra a resolução do Conselho de Segurança sobre novas sanções ao Irã, em junho de 2010, “comprometendo a própria credibilidade do sistema”². Esse seria o momento que se busca uma reaproximação para uma reconciliação. Assim, os Estados Unidos não se manifestando declaradamente utiliza o tempo para novas

¹ <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-supervalorizacao-do-poder-da-retorica,112132,0.htm>>. Acesso em 13 jun. 2011

² <<http://www.forte.jor.br/2011/02/06/obama-nao-quer-brasil-no-conselho-da-onu/>>. Acesso em 08 jun. 2011.

avaliações da postura brasileira frente a certas decisões que envolvem a política mundial. Podemos associar essa passagem com as palavras de Bakhtin (2003, p. 4):

Quantos véus necessitamos tirar da face do ser mais próximo – que nela foram postos pelas nossas reações casuais e por nossas posições fortuitas na vida -, que nos parecia familiar, para que possamos ver-lhe a feição verdadeira e integral.

Assim, serão as decisões do governo brasileiro no decorrer do mandato da atual presidente e também a postura de seus sucessores que irão permitir aos EUA uma visão mais esclarecedora da posição ideológica, assumida anteriormente de forma inadequada, pelos padrões da ONU. Com isso poderão surgir melhores avaliações e conseqüente confiança em futuros projetos.

✓ As ações de George W. Bush, que incluiu uma política de apoio à democracia no mundo, particularmente no Oriente Médio, uma estratégia para combater a propagação do terrorismo. Algumas dessas políticas foram codificadas no texto do Conselho de Segurança Nacional intitulado *A Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos*, numa comunhão de sentidos com o enunciado *temas candentes [...] das relações americanas com o mundo mulçumano* (§ 3).

✓ Os posicionamentos ideológicos entre Brasil e EUA, sobre vários fatos ocorridos, decorrendo numa *longa e dúbia história de (fascínio e) resistência do Brasil face à influência americana* (§ 2), como em:

- 1979, em que a atitude americana foi vista como um ato de ingerência na política doméstica, quando em visita ao Brasil, o presidente Jimmy Carter interpela o então presidente Ernesto Geisel sobre a tortura durante a ditadura militar.
- 1987, quando o Brasil declarou moratória, desagradando aos credores americanos; os EUA, por sua vez, impuseram taxas aos produtos brasileiros devido à reserva de mercado no setor de informática.
- 1995 a 2000, com o impasse sobre a Alca, relativo a subsídios americanos à agricultura e ao mercado de serviços brasileiros.
- 2002, em que um ex-membro do Conselho de Segurança americano afirmou que, caso eleito, o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva conduziria o Brasil para o “eixo do mal”.
- 2003, quando o governo brasileiro declara-se contra a invasão do Iraque pelas tropas americanas.
- 2004, quando a justiça brasileira alegou o princípio da reciprocidade, pela medida adotada pelos EUA após os atentados de 11 de setembro.
- 2005, quando a Alca não entre em vigor, continuando na mesa de negociações, devido ao desacordo entre Brasil e EUA.
- 2007, quando se inicia a chamada “diplomacia do etanol”, objetivando a redução da dependência do petróleo e a emissão de gases que contribuem para o aquecimento global.
- 2010, quando o Brasil vota contra as novas sanções ao Irã, comprometendo sua posição diplomática ³.

Podemos dizer que o enunciador, ao fazer relação à *longa e dúbia história* referiu-se a certos atritos, fazendo-nos pressupor a sua posição ideológica por meio das opções que a língua apresenta, como uma tênue esperança para a solução dos impasses entre as nações, visto a dificuldade de entrarem num consenso do ponto de vista

³ <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/relacoes_brasil_eua/contexto1.html>. Acesso em 13 jun. 2011.

ideológico. E como diz Bakhtin (2006, p. 289), “a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido”.

✓ Por serem os EUA os maiores consumidores de querosene de aviação mundo, a necessidade de um entendimento com o Brasil para o desenvolvimento de bioquerosene de aviação nos leva ao relacionamento do enunciado do § 6: *A visita de Obama possui, do ponto de vista político e diplomático, mais o aspecto de uma aproximação necessária para absorver a tecnologia da produção e beneficiamento da cana-de-açúcar, desenvolvidos no Brasil para a composição de biocombustíveis*. Em uma de suas aparições, Barack Obama declarou: “Se alguém duvida do potencial dos combustíveis renováveis, considere o Brasil. Lá, mais da metade dos veículos podem utilizar biocombustíveis”. Nas palavras de Marcos Sawaya Jank, presidente da UNICA, “Estamos avançando na energia elétrica e em novos combustíveis feitos de biomassa e biotecnologia; começamos a entrar na era dos bioplásticos, do diesel e do querosene de aviação feitos de sacarose, da gaseificação e das grandes biorrefinarias”⁴.

Observamos também relações entre os vários discursos que povoam o universo contextual como:

- ✓ *O lugar determina a importância do evento*, na referência à Cinelândia como palco de manifestações para a democracia (§ 1), como no movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984, as Diretas Já.
- ✓ *A admiração dos brasileiros pelos EUA*, na referência ao fascínio do Brasil à influência americana (§ 2)
- ✓ *O Chile é superior ao Brasil*, na referência ao discurso principal de Obama que deve ser realizado no Chile (§ 4).
- ✓ *Barack Obama é pacifista*, na referência ao notável passo de Obama na questão de impasses internacionais (§ 5).
- ✓ *Futebol e samba é o que o Brasil tem de melhor a oferecer*, na referência à parte mais substancial na agenda da visita do presidente americano (§ 8).

As relações de sentido observadas no enunciado nos permitem confirmar que as leis sociais e econômicas determinam a realidade ideológica por meio da palavra, material privilegiado na comunicação social.

Dando seguimento, observaremos os sentidos relacionados às escolhas gráficas da charge.

3.2 A materialidade verbovisual

Para a análise da enunciação da charge, podemos dizer que está baseada nos pontos de vista do chargista sobre os textos, os discursos e as várias vozes do universo político e econômico, realizados de maneira axiológica, acrescidos da visão presumida do leitor, cuja compreensão demanda conhecimento dos fatos e habilidade de interpretação das imagens visuais, por ser a charge carregada de simbolismos.

⁴ <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-etanol-na-visita-de-obama,692051,0.htm>>. Acesso em 13 jun 2011.



Figura 2: Charge

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião

O tema da charge é a possível solução de um dos impasses entre as duas nações, apesar da desconfiança entre ambos os presidentes, intento motivado pela visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil.

As informações importantes da charge encontram-se no canto esquerdo, que é o campo privilegiado da visão. No caso é a bandeira americana desenhada na asa do avião, por cujas escadas, podemos concluir, desceu o presidente americano, caracterizando a figura de Barack Obama.

Na composição visual, observamos o nivelamento das configurações, de maneira harmoniosa, por encontrarem-se as figuras mais representativas ao centro do quadro, que são os chefes de governo americano e brasileiro e do microfone representado por um talo de cana-de-açúcar. No alto, à direita, provocando um aguçamento, temos algumas linhas que definem, apenas pela tonalidade, algumas aves de grande porte, que podemos deduzir como sendo emas que vivem nos jardins do Palácio do Planalto, caracterizando a figura de Dilma Rousseff.

Ambos os presidentes estão representados na charge por meio da caricatura de suas figuras. A representação na caricatura, de acordo com Romualdo (2000), consiste no exagero proposital das características marcantes do indivíduo, por meio do uso hiperbólico das linhas, no caso, de cada presidente.

✓ A caricatura do presidente americano - boca travada, testa franzida, sobrelhas desniveladas, postura encurvada - está configurada no contrário do aspecto de disposição e altivez que sempre foram sua marca de homem público, numa tentativa de destronamento - característica da carnavalização bakhtiniana; as duas linhas curvas, indicando a testa franzida e as duas linhas curvas grossas desniveladas caracterizam as sobrelhas em um aspecto de dúvida, de acordo com a cultura popular; os pontos que definem seu olhar de maneira desconfiada pode ser um indicativo de uma atitude cautelosa, conseqüente das relações diplomáticas abaladas em junho de 2010, quando o Brasil votou contra as novas sanções ao Irã, ainda no governo do antecessor de Dilma Rousseff, comprometendo a credibilidade política brasileira.

✓ Na caricatura da presidente brasileira, o olhar retratado com pontos nivelados e centralizados denota um ar maroto, de quem fez uma travessura e espera o resultado de forma dissimulada, indicando certa insegurança, podendo ser referente a certas situações que ficaram pendentes entre os dois países. A configuração dos braços estendidos e o corpo esguio remetem a uma postura de segurança do que se pretende, possivelmente com relação ao biocombustível brasileiro.

✓ A representação da cana-de-açúcar, matéria prima do biocombustível etanol, está realizada no centro da charge pelo desenho de um microfone com a forma e a cor verde da cana-de-açúcar, com seus gomos separados pelos nós da fruta em cor amarela,

cor vibrante, podendo representar uma atenção sobre o assunto como a esperada eliminação da sobretaxa na exportação do etanol brasileiro para os EUA ⁵. Podemos, também, fazer relação com as cores da bandeira brasileira, com as condições da política nacional. As linhas curvas retratam as folhas da cana-de-açúcar de maneira viva. Com esse aspecto parecem efetuar uma investida ao que poderá ser pronunciado pelo presidente americano.

✓ O tapete retratado de maneira relaxada pode denotar que a espera de Barack Obama foi realizada às pressas, sem o devido cuidado, como se fosse preparado para uma personalidade não tão benquista, mas necessária à boa política de vizinhança e de interesses.

✓ A localização da representante brasileira fora do tapete vermelho pode denotar um sentimento de inferioridade. Tal posicionamento coloca a figura do presidente americano em destaque, talvez com a intenção de persuasão.

Como Dondis (2007, p. 99) confirma que “a forma segue a função”, podemos concluir que a proposta do chargista na elaboração do enunciado visual foi mais geral e abrangente, pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir. Assim, a charge não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça (ROMUALDO, 2000).

No que tange à palavra, segundo a teoria do Círculo, ela expressa o signo ideológico de determinado grupo de indivíduos, pois manifesta a psicologia social acumulada de mudanças e deslocamentos assimilados no decorrer da história. A sua compreensão/interpretação vai ao encontro do conhecimento prévio do leitor, de suas leituras ao longo de sua existência, assim como a postura ideológica assumida por ele, que responderá a determinada enunciação de acordo com seu horizonte social.

Apesar de almejarem a finalidades referentes a cada campo, os enunciados se complementam quando enunciam alguns dos impasses existentes entre as duas nações como o ingresso do Brasil no Conselho da ONU e a eliminação da sobretaxa de exportação do biocombustível brasileiro, cada um de acordo com a refratação às muitas visões contextuais concretizadas em sua materialidade específica, em que os vários textos, discursos e vozes conduziram as enunciações a um mesmo tom crítico, respaldado pela base estrutural ideológica do jornal *Folha de S. Paulo* que é ser crítico e, também, como é esperado, pela de seu leitor.

Podemos dizer, então, que o dialogismo entre a charge e o editorial foi possível graças à observação aos parâmetros estabelecidos pela teoria bakhtiniana, em que tema, estilo e forma composicional concretizaram cada enunciado de forma diferente, pelo aspecto sócio-histórico-cultural refratado pelos participantes do diálogo. Assim, finalizamos essa pequena análise das relações dialógicas entre o editorial e a charge confirmando as palavras de Bakhtin (2003, p. 300):

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Todo enunciado sempre responde de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam.

No caso destes dois exemplares, editorial e charge, o fato de estarem localizados na mesma página do jornal permite ao leitor responder a ambos, tendo em vista que

⁵ <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/principal-objetivo-da-visita-do-obama-ao-brasil-e-economico>>. Acesso em 13 jun. 2011.

expressam pontos de vista relacionados a um mesmo fato noticiado pela mídia. Explicitar tais relações permitiu observar os sentidos dos implícitos e os embates ideológicos que sustentam os enunciados na mesma visão crítica.

CONCLUSÃO

Dessa forma, nesse estudo baseado na teoria bakhtiniana, foi observada a visão crítica que percorre os enunciados editorial e charge que, apesar do mesmo assunto de origem, conduziu a temas diversos sobre a relação entre Brasil e Estados Unidos, num entrecruzamento de diferentes pontos de vista, por serem produzidos por pessoas diferentes com diferentes visões de mundo. Observados em cada materialidade específica, pode-se dizer que os enunciados se complementam.

Apesar de os enunciados para a análise serem ultrapassados, datados de 2011, as réplicas a eles não cessam, pois apesar do ponto final que deu acabamento à pesquisa, sua conclusão é provisória, porque depende das atitudes responsivas de seus leitores: tudo pela ideologia democrática. Viver, para Bakhtin (2003, p. 174) “significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente.

Mesmo abrangendo poucos aspectos enunciativos, a familiaridade com os acontecimentos do mundo, assim como a observação das posturas ideológicas dos enunciados da mídia impressa, pode colaborar com a escola no aprimoramento do educando como ser participativo do desenvolvimento social.

Visando a uma possível resposta-ação, espera-se que esse trabalho colabore no ensino/aprendizagem de gêneros midiáticos nas escolas, possibilitando ao aprendiz de Ensino Médio uma maior clareza quanto ao seu julgamento crítico nas diferentes formas de apresentação de opiniões da mídia impressa.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ECO, Umberto. From Internet To Gutemberg. The Italian Academy for advanced Studies in America .November 12, 1996.
- KOCH, Ingedore Grufeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *Procedimentos para a leitura de editorial e artigo de opinião*. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2010.
- MANUAL da Redação. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PUZZO, Miriam Bauab. A Fotografia em capas de revista e a constituição do sentido. In: *Congresso de Leitura do Brasil*. 17°. 2009. Campinas. Anais do 17° COLE. Campinas, SP: ALB, 2009.
- ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.